

MALUNGAS

Mucane – Museu Capixaba do Negro “Verônica Pas”
Vitória, 25 set.-2 dez. 2018

Lara Carpanedo Carlini

A exposição¹ Malungas² – reunindo obras das artistas Charlene Bicalho, Kika Carvalho e Castiel Vitorino Brasileiro – convoca a força da ancestralidade negra para lançar processos de resistência, denúncia e cura. Rosana Paulino, curadora da exposição coletiva e orientadora³ das artistas, torna-se companheira nessa viagem.

O silêncio de Charlene aponta para os efeitos do barulho provocado pelo racismo institucional: *Onde você ancora seus silêncios?* Apostamos na compreensão dos processos de resistência enquanto uma produção ativa, não meramente reativa, em relação às forças de dominação que abafam a diversidade não compreendida em seus ditames, como elabora Foucault.⁴ O silenciamento produzido nesse jogo é abordado de maneira disruptiva nesse trabalho, pois, afastando-se de uma suposta resignação atribuível à ausência de fala, a artista faz o silêncio explodir em presença, nos devolvendo ao tempo. Em cima da solidez de uma pedra, ela lança âncoras nas quatro direções ao vento, ao mar. Ruidosa labuta de quem já aprendeu a rimar o som da corda que a âncora-silêncio tensiona num mar que, às vezes, também sabe calar. Parece inerte a areia que resultou da delicada, porém bruta conversa das ondas contra as pedras. Em parte, é devolvida em gesto-sopro para essa paisagem que nos acolhe em tempos turbulentos. Esse horizonte marítimo que está no fim ou no início do céu, onde a utopia nos faz navegar. A força das malungas, companheiras da mesma viagem, dá



Charlene Bicalho, *Onde você ancora seus silêncios? #2*, 2018, videoinstalação; fotografia Luara Monteiro, acervo da artista

a perceber que quem cala não consente: contesta em silêncio.

Num papel casca de ovo pregado na parede, um corpo feminino em taninas⁵ manchas. A implacável história de violência, real não apenas em seu tamanho – que ganha dimensões gritantes na parede,⁶ em finas linhas douradas, fugidias a depender do ângulo em que são olhadas –, é denunciada nos três trabalhos apresentados por Kika Carvalho: *Anatomia da Violência #1* (desenho), *Anatomia da Violência #2* (pintura aplicada na parede) e *Efeito dominó* (escultura/instalação). Neste último, a queda em sequência das 60 peças em cerâmica, com 30cm cada, provoca quebras e fissuras presentes também nos corpos das negras cuja existência afronta um sistema feminicida.⁷ Kika busca na lida com a argila e com a tinta utilizada tradicionalmente pelas pa-



Kika Carvalho, Efeito dominó e Anatomia da violência #1 (ao fundo), 2018, escultura/instalação e desenho; fotografia Luara Monteiro, acervo da artista

neleiras de Goiabeiras, em Vitória, Espírito Santo, a resistência de uma tradição encabeçada pelas mulheres em um estado cuja suposta santidade esmorece em suas contradições.

A ancestralidade resgatada em sua faceta mais sagrada, a proximidade dos saberes do corpo, proporcionada pelas práticas de cura que ganham consistência em chás, unguentos, banhos, garrafadas, encontra, na ritualística da umbanda, meios de defender o corpo negro do incisivo projeto de adoecimento e aniquilamento posto em exercício pelo racismo de base colonial do poder.⁸ Em *Quarto de cura*, entre diagramas que identificam os processos dolorosos causados pelo racismo no corpo e subjetividade e fotografias que registram rituais espirituais, Castiel Vitorino Brasileiro lança mão de um “colete salva vidas” equipado com ervas – também utilizadas anteriormente na performance *Plantas que curam* (2018)⁹ – com as quais compar-

tilha mandingas, massagens e conversas, em um ensejo de que sua produção artística seja “tão quente, silenciosa e barulhenta quanto o terreiro”.¹⁰

Essas três artistas negras, por meio de suas poéticas, viabilizam estratégias de enfrentamento e resistência, tanto ao afirmar um lugar de pertencimento dentro dos espaços culturais, tradicionalmente racistas e misóginos, quanto ao engendrar modos de existência cuja potência se desdobra na ancestralidade e coletividade de seus apelos.

NOTAS

1 O texto de abertura, de Rosana Paulino, assim como o material educativo referente à exposição, de Kiussam de Oliveira, gentilmente disponibilizados por Felipe Gomes, contribuíram para esta resenha.

2 Malungo(a) era expressão utilizada para se referir aos negros escravizados que compartilhavam o mesmo túmulo nessa viagem sobre um *Atlântico Vermelho* (2017) – exposição de Rosana Paulino.

3 Os trabalhos apresentados nessa exposição contaram com um ano de elaboração e uma residência de dez dias em São Paulo, viabilizada por Edital da Prefeitura de Vitória.

4 Para aprofundar os estudos em relação à produção de resistência, indicamos a leitura dos trabalhos do filósofo Michel Foucault, para quem essa produção não se dá fora das relações de poder: “lá onde há poder há resistência” (Foucault, Michel, *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012: 105).

5 A tintura de tanino utilizada pela artista foi fabricada a partir das cascas de mangue-vermelho, mesmo material utilizado pelas



Castiel Vitorino Brasileiro, Quarto de cura, 2018, instalação; fotografia Luara Monteiro, acervo da artista

paneleiras de Goiabeiras (Vitória/ES) para tingir e impermeabilizar as panelas de barro.

6 No trabalho *Anatomia da violência #2* (2018), a artista ocupa toda a parede da sala de exposição com a pintura, em tinta dourada, do corpo de uma mulher negra com estatísticas e demarcações que apontam as regiões mais afetadas pela violência dos homicídios contra a mulher.

7 A discussão dessa temática no Espírito Santo é de imensa importância, visto que o índice de feminicídio no estado atinge estatísticas alarmantes.

8 Os pesquisadores Walter Mignolo e Aníbal Quijano descrevem a base colonial intrínseca às relações de poder presentes na América Latina. A dominação implicada nessas relações afetaria âmbitos como os processos de produção de sentido vinculados à arte, mas também extrapolaria para campos como, por exemplo, o econômico, o epistemológico e o subjetivo

(Mignolo, Walter. La colonialidad: la cara oculta de la modernidad. In: *Modernologías. Artistas contemporáneos investigan la modernidad y el modernismo*. Barcelona: Macba, 2009. Disponível em: <http://www.macba.es/PDFs/walter_mignolo_modernologies_cas.pdf>. Acesso em: 16/11/2018).

9 Performance na qual Castiel elabora, juntamente com a benzedeira Yasmin Ferreira, receitas e mandingas que compartilha com os transeuntes da pracinha do Itararé (Vitória, ES). Trata-se de uma “pesquisa intervenção sobre processos de adoecimento e de produção de saúde para corpos negros. É uma aposta na cura. No tempo. Na natureza. No corpo.” Disponível em: <<https://cargocollective.com/castielvitorinobrasileiro/Plantas-que-curam>>. Acesso em: 16/11/2018.

10 Fala de Castiel em um bate-papo com as artistas, que fez parte da programação da coletiva Malungas e ocorreu em 6 de novembro de 2018, no Mucane.